

**IX Jornadas da Arte e Ciência UCP
V Jornadas ARP**

A Prática da Conservação Preventiva



FICHA TÉCNICA

TÍTULO

IX JORNADAS DA ARTE E CIÊNCIA UCP • V JORNADAS ARP

Homenagem a Luís Elias Casanovas
A Prática da Conservação Preventiva

COORDENAÇÃO CIENTÍFICA

Eduarda Vieira

COORDENAÇÃO EXECUTIVA

Eduarda Vieira
Gonçalo Vasconcelos e Sousa

EQUIPA EDITORIAL

Rui Câmara Borges
Eduarda Vieira
José Carlos Frade

EDIÇÃO

Universidade Católica Editora
CITAR – Centro de Investigação em Ciência e Tecnologia das Artes
Rua Diogo Botelho, 1327 – 4169-005 Porto
Porto, 2014

DESIGN CAPA

Angela Monteiro

DESIGN GRÁFICO + E-PAGINAÇÃO

Carlos Gonçalves

ADMINISTRAÇÃO DO SITE

Comunicação Católica Porto

DEPÓSITO LEGAL

375614/14

ISBN

978-989-98890-4-0

DATA

Porto, Abril de 2015

DA ESCAVAÇÃO AO LABORATÓRIO/MUSEU. CONSERVAÇÃO PREVENTIVA E ARQUEOLOGIA UM DIÁLOGO NECESSÁRIO?

FROM THE EXCAVATION TO THE LABORATORY/MUSEUM. PREVENTIVE CONSERVATION AND ARCHAEOLOGY A REQUIRED DIALOGUE?

Guilhermina Cadeco⁽¹⁾, Eduarda Vieira⁽²⁾ e Vítor Hugo Torres⁽³⁾

⁽¹⁾ ESCOLA DAS ARTES/UNIVERSIDADE CATÓLICA PORTUGUESA

⁽²⁾ ESCOLA DAS ARTES/CITAR/ UNIVERSIDADE CATÓLICA PORTUGUESA

⁽³⁾ DIRECÇÃO REGIONAL DE CULTURA O NORTE/MUSEU REGIONAL DE ARQUEOLOGIA D. DIOGO DE SOUSA (BRAGA)

RESUMO

Este trabalho aborda a conservação dos achados arqueológicos em contexto de escavação em Portugal, desde a exumação, recolha, acondicionamento imediato, passando pelo transporte, armazenamento dos mesmos e posterior encaminhamento para estudo. Para esta análise importava perceber os procedimentos e as metodologias mais usadas pelos arqueólogos nas fases acima descritas, no sentido de traçar o panorama das práticas profissionais e de identificar as problemáticas mais prementes, tanto no que concerne às necessidades de conservação dos artefactos como às carências sentidas por esse grupo profissional.

Incluem-se também neste estudo as questões relacionadas com a prática efectiva da interdisciplinaridade entre a Arqueologia e a Conservação.

Palavras chave: Escavação; Achado Arqueológico; Conservação Preventiva; Gestão de Risco

ABSTRACT

This paper aims to contribute for a deep knowledge over the conservation of the archaeological findings in Portugal since its exhumation, collect, immediate packing, transportation and posterior storage and forwarding for study. Accordingly, it became crucial to identify the current practices (procedures and methodologies) used by archaeologists in all phases of their field work, in order to get a general overview about their professional skills and training needs. The relationship between Archaeology and Preventive Conservation both in its effective practice and interdisciplinary issues are also discussed.

Key Words: Excavation; Archaeological Findings; Preventive Conservation; Risk Assessment

‘La responsabilidad sobre los hallazgos que se producen en las excavaciones es una responsabilidad compartida. Concierne a arqueólogos, que buscan en ellos las evidencias; a los especialistas en conservación o restauradores, que posibilitan que se revele esa información; y a los conservadores de museo, como responsables de la conservación a largo plazo del material arqueológico que se ha depositado en el museo.’ M. J. Alonso López (1996)

INTRODUÇÃO E OBJECTIVOS

Como se sabe a “questão do Côa” foi fulcral no relançamento da Arqueologia no período pós 25 de Abril, e sobretudo nos novos trilhos que a mesma percorreu durante a década de 90 do século. XX. Uma das principais consequências da sua revalorização resultou na profissionalização crescente da actividade e no surgimento de uma área empresarial de negócio, ambas favorecidas por uma conjuntura favorável marcada pela explosão de obras públicas por todo o país e pela necessidade de se cumprirem as normativas emanadas das cartas internacionais de conservação, de que Portugal passou a ser signatário desde a sua adesão à União Europeia (Carta de Lausanne- 1990). O património arqueológico ganhou estatuto e a sua preservação passou a estar na ordem do dia. A criação, em 1997 do Instituto Português de Arqueologia (IPA) alterou indelevelmente o sector, assistindo-se a uma complexificação da carreira de arqueólogo e à produção de legislação que visava a protecção das estruturas arqueológicas e determinaria tanto o aparecimento da Arqueologia de Emergência como da de Acompanhamento (Ricardo, 2012).

Actualmente a actividade arqueológica encontra-se estruturada em três vertentes principais: a de investigação com tradição e prestígio meio académico; a praticada pelos profissionais alocados às autarquias e gabinetes e a empresarial. Esta reestruturação, resultante da evolução que se registou nos domínios da protecção, valorização e gestão do património cultural, implicou “(...) ir ao baú dos conceitos para remexer, e talvez retocar mais ou menos profundamente

noções como ‘investigação’, ‘projecto de investigação’, ‘director de escavação’, ‘reserva científica’, ‘prioridade científica’ e outros mais.”(Silva,2005).



Figura 1 – Exumação de vaso cerâmico com aplicação da técnica de bandagem. Foto cedida por C UAUM.



Figura 2 –Acondicionamento *in situ* (escavação) de vaso cerâmico para posterior transporte. Foto cedida por C UAUM.

A prática arqueológica foi durante muitas décadas dominada pela preocupação do registo exaustivo da informação oriunda da fase de escavação, em detrimento da conservação do espólio, facto a que não é alheio o desconhecimento generalizado de princípios básicos de comportamento de materiais e das condições ambiente. Constituíam excepção todo o espólio passível de fornecer datações absolutas e os artefactos já de si bem conservados ou de grande relevância cultural, técnica e/ou artística. Situação idêntica se verificou no tocante à preservação das próprias estruturas dos sítios arqueológicos, muitos deles deixados sem protecção, o que contribuiu quer para a sua desvalorização enquanto bens culturais, quer para a sua vandalização e ruína.

No meio científico, paulatinamente se foi integrando o conceito de Arqueologia Preventiva e na sua prática profissional o arqueólogo foi impulsionado a adoptar o primado da máxima “conservação pelo registo” e a planificar com rigor todas as fases da investigação (da escavação á interpretação e publicação de resultados), formulando hipóteses, avaliando necessidades e valorizando a escavação como um laboratório. A arqueologia de investigação completamente dependente de financiamento externo, tem a liberdade de planear e munir-se de meios que lhe permitem, recolher, interpretar e formular conclusões. Em suma, aqui sim pode aplicar-se o ‘*preconceito romântico*’ (Silva, 2005) da Arqueologia.

Distintas são as realidades quer da arqueologia praticada nos gabinetes autárquicos, quer no mundo empresarial, ambas sujeitas a condicionantes externas que se revelam determinantes no exercício da profissão. Nas autarquias o arqueólogo fica frequentemente sujeito às vontades políticas e à interpretação que os órgãos do poder local fazem da “utilidade” do seu contributo, não obstante o seu enquadramento legal na gestão do património integrado no território. Para além de pequenas exposições e palestras, as suas intervenções são com frequência meramente “cosméticas”. Por seu lado, a arqueologia empresarial, cuja maioria dos clientes são os promotores imobiliários ou grandes consórcios de empreiteiros, lida com as restrições e imposições dos cadernos de encargos e tempos de obra (de gestão em contra-relógio), equipas de ajudantes não profissionais e um sem número de exigências inerentes aos concursos e orçamentos, previamente aprovados que, geralmente, não contemplam as fases de estudo e análise do espólio, a que acresce o objectivo “utópico” da minimização de impactes ambientais. Aqui o arqueólogo é obrigado a sintetizar o resultado da escavação num relatório, diminuto na maioria das vezes, no qual deve identificar, interpretar, diagnosticar e

encaminhar soluções. Aos olhos dos “representantes do desenvolvimento”, um e outro são vistos como meros obstáculos legalmente impostos.



Figura 3 – Pré-consolidação de terras para remoção de artefactos frágeis. Foto cedida por C UAUM.

Por Conservação Preventiva em Arqueologia ou Arqueologia Preventiva entende-se que se reportam ambas a uma metodologia que parte de um planeamento prévio, ‘*de um sistema de avaliação e gestão de riscos*’ (Fragoso, 2007), que tem em conta, logo à partida, a degradação inerente ao processo de escavação (entendida na sua essência como intrusiva e destrutiva), e para a qual importa procurar os meios adequados que a minimizem ou atrasem, o máximo de tempo possível. A evolução científica da prática arqueológica determinou a necessidade de recolher o máximo de conhecimento na fase de escavação, uma vez que a qualidade futura do trabalho do arqueólogo, depende do rigor e do volume de informação obtidos.

O crescimento do mercado de trabalho e do número de arqueólogos não foi acompanhado do reforço das orientações práticas e éticas e da reestruturação da formação académica, a qual permaneceu centrada nas questões epistemológicas da disciplina. Um sem número de novas necessidades e de desafios se colocou a este novo universo de profissionais da arqueologia que continuaria a encarar a Conservação como uma preocupação externa à sua actividade por não estarem sensibilizados ou familiarizados com tais problemáticas. Assim, a grande maioria dos arqueólogos passou a remeter a responsabilidade da conservação dos espólios exumados para uma fase posterior à da escavação, recorrendo aos conservadores-restauradores sempre que necessário. Esta prática sedimentou a ideia de que a conservação dos artefactos é tarefa primordial e quase única dos conservadores-restauradores e que ao arqueólogo compete apenas a recolha, estudo e interpretação da cultura material e respectivos contextos culturais, ou ainda o da musealização de estruturas ou do seu novo enterramento (na arqueologia de emergência ou de acompanhamento de obras) consoante as situações, e só mais raramente o da sua valorização e de que a exposição museológica é o exemplo mais praticado entre nós.



Figura 4 – Achado de vaso de vidro. Fases de remoção da terra e reconstrução preliminar da forma em laboratório.
Foto: © Museu Regional de Arqueologia D. Diogo de Sousa.

A inexistência de uma metodologia universal articulada com uma linha orientadora clara de procedimentos a adoptar com os achados, permitiu que a prática da arqueologia de campo se fosse desenrolando, sem que tivesse havido uma verdadeira sensibilização para a importância da preservação dos mesmos, desde o momento da recolha. Apesar de constituir um problema do qual uma grande maioria de arqueólogos está consciente, a ausência de interlocutores e de respostas tem gerado o adiar das soluções, o que origina perdas graves como se depreende das palavras de Rui Boaventura: “muita informação passível de ser extraída dos vestígios arqueológicos exumados tem-se perdido devido a uma menor atenção, a título preventivo, para com as condições básicas de exposição e conservação desses espólios” (Boaventura, 2003:p.3)

A forma como o espólio é tratado a partir do momento em que é exumado é vital para a informação que se poderá vir a obter dele. E é a partir deste momento que importa encontrar uma resposta imediata e o mais assertiva possível, para que, mesmo que o espólio só venha a ser analisado e estudado algum tempo após a escavação, não se degrade acentuadamente num curto período de tempo, por comparação à deterioração resultante da fase de enterramento. Visa-se que a acção antrópica não destrua o que o tempo preservou enterrado, valorizando-se a estabilidade física e química dos artefactos, enquanto testemunhos materiais capazes de fornecer conhecimento sobre as sociedades que os produziram.

No sentido de realizar uma caracterização preliminar do estado desta questão no contexto da prática arqueológica nacional, foi realizada uma consulta à comunidade profissional. Pretendemos que os resultados deste pequeno estudo possam servir de base a uma investigação posterior que equacione as diversas dimensões do problema e nos permita alcançar soluções adequadas às necessidades de sustentabilidade do património arqueológico e à consolidação de boas práticas na arqueologia de campo.

METODOLOGIA

Tendo por objectivos gerais a caracterização dos intervenientes nos respectivos contextos de actuação (académico/investigação, autárquico empresarial), a recolha de informação sobre os seus procedimentos e a percepção do grau de consciencialização sobre a importância da conservação preventiva como ferramenta de planificação, gestão e preservação do espólio arqueológico, seleccionou-se o método do inquérito por questionário de modelo misto (perguntas fechadas e abertas) e anónimo, como meio de abordagem à comunidade de arqueólogos, a qual devido à natureza desta actividade se encontra, por norma, geograficamente dispersa.

O referido inquérito foi disponibilizado no site ARCHPORT durante 90 dias.

Como objectivos específicos fundamentais do inquérito destacamos:

- A recolha de informação sobre o conhecimento dos diferentes suportes materiais e seu comportamento face aos factores de degradação.
- A compilação de dados sobre procedimentos de recolha, marcação, acondicionamento imediato, transporte e armazenamento durante e pós escavação.
- A obtenção de informação sobre operações técnicas de remoção da terra, limpeza e consolidação preliminar.
- Avaliar o grau de autonomia e conhecimentos científicos na execução das tarefas consideradas mais complexas e exteriores à aprendizagem arqueológica.
- Reconhecer as noções de planeamento do trabalho de escavação nas suas diferentes fases.
- Avaliar conhecimentos específicos da área da conservação/restauro e sua aplicabilidade na prática quotidiana.
- Diagnosticar necessidades dos profissionais envolvidos.

Tendo funcionado paralelamente com questões fechadas e abertas, nestas últimas era solicitada a livre expressão de opiniões e sugestões relacionadas com a obtenção de informação relativa aos meios considerados mais adequados para responder às necessidades identificadas como mais prementes (disponibilização de informação específica e formação), sendo igualmente solicitada a indicação da experiência individual na área em número de anos de carreira.

Foram obtidas cerca de 37 respostas a nível nacional e internacional (Brasil), entre profissionais independentes (11), colaboradores de empresas (9) e profissionais com vínculo institucional a universidades e autarquias (17). A média da experiência profissional apurada neste universo foi de doze anos, tendo como limite mínimo os dois e máximo trinta e três.

Em paralelo ao inquérito questionário realizaram-se contactos personalizados com diversos arqueólogos de carreira com diferentes vínculos institucionais (ex-IGESPAR, museus e autarquias) e com uma estrutura arqueológica permanente (Campo Arqueológico de Mértola), recorrendo quer ao inquérito personalizado enviado por correio electrónico bem como a entrevista.

RESULTADOS

Os elementos aqui elencados resultam na sua grande maioria das respostas ao inquérito questionário e de entrevistas esporádicas (2), não se tendo conseguido a adesão ao estudo quer por parte dos arqueólogos de carreira contactados, quer dos sectores especializados de Campo Arqueológico de Mértola. Do universo de inquiridos é visível a adesão indiferenciada dos três tipos de profissionais já mencionados.

Entre as principais conclusões salientamos que:

- A maioria dos profissionais contacta com o espólio arqueológico na escavação.
- Os suportes materiais com que mais lidam são por ordem decrescente os cerâmicos, os vestígios osteológicos e os materiais pétreos.
- Quase todos realizam a distinção entre materiais inorgânicos e orgânicos, adoptando procedimentos de recolha distintos para ambos, por considerarem importante para a respectiva identificação tipológica e cronológica.
- Adoptam cuidados distintos no transporte e embalagem dos artefactos adequando-os à sua constituição, estado de conservação e dimensões.
- No tocante a operações técnicas, no momento de exumação, confirmam o conhecimento de técnicas simples de consolidação prévia com recurso à resina acrílica termoplástica Paraloid B-72. Não há, no entanto, referências à utilização de técnicas específicas de remoção de artefactos da terra (bandagem/facing).
- Realizam operações de higienização do espólio ainda durante a fase de escavação, esta aplicada apenas a algumas peças, embora o tipo de limpeza varie consoante o material/ tipo de objecto, sendo a limpeza mais profunda reservada para o final da campanha, tal como a marcação do espólio.
- Registam a preocupação com o depósito dos achados na fase pós escavação, adoptando procedimentos básicos de planeamento de reservas temporárias.
- Consideram possuir boas práticas e confiança nas mesmas, embora admitam que a aquisição dos conhecimentos foi realizada por contacto com colegas de profissão mais experientes.
- Reconhecem basear as metodologias que usam fundamentalmente em pesquisa bibliográfica ou no espírito autodidacta de busca de formação especializada.
- Reconhecem lacunas na formação académica específica (Arqueologia) e carência de formação disponível em áreas científicas afins (Conservação Preventiva aplicada à Arqueologia).
- Elegem como métodos ideais de formação na área da Conservação Preventiva os seminários presenciais e os workshops, dada a sua componente prática.



Figura 5 – Armazenamento de metais arqueológicos com materiais absorventes em fase de estudo laboratorial.
Foto: © Museu Regional de Arqueologia D. Diogo de Sousa.



Figura 6 – Armazenamento preventivo de ponta de lança.
Foto: © Guilhermina Cadeco

Parte dos inquiridos denota um grande distanciamento face às questões da preservação na fase de escavação, apontando-a como tarefa a ser desempenhada por conservadores-restauradores, admitindo recorrer a estes profissionais para consultoria ou entrega de peças com exigências de maior complexidade técnica. É generalizado o desconhecimento sobre os processos de degradação de suportes materiais como os metais e o vidro, e apenas uma minoria parece denunciar alguns conhecimentos sobre a importância do controlo de Humidade Relativa/Temperatura, tanto em acondicionamento provisório como em reserva. Não obstante, revelam preocupações com o controlo da iluminação (independentemente dos suportes) e com a protecção das peças mais frágeis do choque ou atrito.

DISCUSSÃO

Da análise dos resultados conclui-se que muito embora existam preocupações de preservação do espólio, persiste a ideia de que a conservação se inicia no museu ou no laboratório, já que ainda se desconhece a utilidade do planeamento rigoroso de uma escavação, o que implica que não se pratique. Por outro lado, a experiência prática adquirida durante a formação académica (no contacto com o trabalho de campo e espólio) assume grande peso na correcta distinção dos suportes materiais, já que só se identifica o que já se conhece. Contudo, tal não significa que esse trabalho seja feito com base numa metodologia rigorosa, assente em procedimentos normalizados e em terminologia comum. Há uma consciência limitada dos factores de degradação e da sua acção sobre certos suportes materiais, embora se ignorem os seus mecanismos de actuação conjugada e efeitos, verificando-se a tendência para considerar os metais e suas ligas e os restos osteológicos como os materiais mais sensíveis. Ignoram-se por completo noções elementares de avaliação e gestão de risco e avalia-se de forma deturpada a missão dos museus de arqueologia, considerados instituições elitistas que privilegiam a conservação e exposição de espólio de excelência. A conservação e o restauro são, para a grande maioria dos arqueólogos, actividades que decorrem nos museus, destacando-se claramente no norte do país a actuação do Museu Regional de Arqueologia D. Diogo de Sousa, não havendo familiaridade com os métodos, materiais, processos e critérios da conservação e restauro, o que explica, mas também reforça, a fraca interdisciplinaridade praticada entre as duas áreas.



Figura 7 – Limpeza de fragmentos de pintura mural em fase de escavação. Foto: © Guilhermina Cadeco.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo, ainda em versão exploratória, permitiu concluir que a maioria dos arqueólogos reconhece ter lacunas de conhecimentos de Conservação Preventiva e está disponível para os aprofundar, denotando alguma consciência quanto à sua utilidade na melhoria do desempenho profissional, sendo minoritários os que defendem uma completa separação entre as duas áreas. De entre as expectativas quanto ao tipo de resposta específica a fornecer pela área da Conservação, destacam-se a uniformização de procedimentos e metodologias, concretizadas em manuais de boas práticas e oportunidades de formação.

Verifica-se igualmente que a formação académica não acompanhou o desenvolvimento do mercado de trabalho, uma vez que os *curricula* se mantêm direccionados para a investigação, inovando pouco no domínio das novas tecnologias aplicadas à interpretação e divulgação do trabalho arqueológico.

A preservação do património cultural é uma preocupação comum a arqueólogos e conservadores-restauradores e a criação de uma metodologia de conservação preventiva e gestão de risco só pode partir de um trabalho conjunto, onde se quebrem os tabus ainda patentes, responsáveis pelo distanciamento que ainda se verifica entre duas ciências se complementam.

REFERÊNCIAS

- ALONSO LÓPEZ, María José, *Conservación preventiva en excavaciones arqueológicas: el futuro del pasado* in Iglesias Gil J. M. (Ed.) *Cursos sobre el Patrimonio Histórico*, vol. 1, Madrid, 1996, pp. 131-144
- BOAVENTURA, Rui (Coord.), *Conservar em Arqueologia*, Workshops Associação Portuguesa de Arqueólogos, Lisboa, 2003.
- Bradley, A. Rodgers, *The Archaeologist's Manual for Conservation. A guide to Non-Toxic, Minimal Intervention Artifact Stabilization*, KLUWER ACADEMIC/PLENUM PUBLISHERS, Nova York, 2004
- CRONYN, J. M., *The Elements of Archaeological Conservation*, Ed. Taylor & Francis Group, Londres, 1990

- FRAGOSO, Sara Leite, Conservação preventiva de objectos em metal, *MUSEAL, Revista de Museologia do Museu Municipal de Faro*, Faro, 2007
- MEYER-ROUDET, Hélène, *A la recherche du metal perdu. Nouvelles technologies dans la restauration des métaux archéologiques*, Ed. Errance, 1999
- PEREIRA, Jaqueline, *Arqueologia de Emergência em Portugal*, Dissertação de Mestrado em Teoria e Métodos da Arqueologia, Universidade do Algarve, Faculdade de Ciências Humanas e Sociais, 2007
- RICARDO, Maria Isabel S. G., *Arqueologia Preventiva: modelos e perspectivas ao serviço da memória cultural*, Dissertação de mestrado em Estudos de Cultura, Lisboa, Universidade Católica Portuguesa, 2012.
- SILVA, António Manuel, *A Arqueologia-Modo-de-Vida, é Ainda Investigação?* Crónicas de... Arqueologia Portuguesa in *Revista Al-madan*, 11ª série, nº 13, Almada, 2005
- TORRES, Vítor Hugo Coimbra, *Conservação Preventiva em Arqueologia, Princípios e Técnica de Recolha*, Universidade Portucalense, Porto, 1996 (texto de apoio a conferência).
- WATKINSON, D. E. (ed.), *First Aid for Finds*, Rescue/UKIC Archaeology Section, London, 1972

REFERÊNCIAS ELECTRÓNICAS

- <http://www.igespar.pt/pt/patrimonio/arqueologiapreventivaedeacompanhamento/> consulta a 20 de Setembro de 2013
- <http://www.rcaap.pt/search.jsp> consulta a 14 de Setembro de 2013
- <http://www.iaa.fadu.uba.ar/cau/?p=921> consulta a 28 de Setembro de 2013
- <http://www.historia.uminho.pt/Default.aspx?tabid=7&pageid=231&lang=pt-PT> consulta a 10 de Novembro de 2013
- http://sigarra.up.pt/flup/pt/cur_geral.cur_planos_estudos_view?pv_plano_id=1573&pv_ano_lectivo=2013&pv_tipo_cur_sigla=&pv_origem=CUR consulta a 10 de Novembro de 2013
- http://apps.uc.pt/courses/PT/programme/1586/2012-2013?id_branch=5821 consulta a 10 de Novembro de 2013
- http://www.unl.pt/guia/2012/fcsh/UNLGI_getCurso?curso=4002 consulta a 10 de Novembro de 2013
- <http://www.fl.ul.pt/ensino/licenciaturas10-ciclo/274-informacao geral> consulta a 10 de Novembro de 2013

AGRADECIMENTOS

As primeiras palavras de agradecimento vão, naturalmente, para todos os arqueólogos que voluntariamente responderam ao questionário proposto.

Agradecemos também ao Dr. Bruno Delfim, da Unidade de Arqueologia da Universidade do Minho, ao Dr. José Flores, do Museu Municipal de Etnografia e História da Póvoa de Varzim e à Dra. Isabel Silva do Museu Regional de Arqueologia D. Diogo de Sousa, pela disponibilidade e apoio a este estudo.

CURRÍCULO DOS AUTORES

Guilhermina Cadeco

Licenciada em História (Variante de Arqueologia) pela Universidade do Minho (2002-2007). Frequência do Mestrado de Arqueologia e Território na Faculdade de Letras de Coimbra (2009-2010). Aluna finalista da licenciatura em Arte, Conservação e Restauro da Escola das Artes da Universidade Católica Portuguesa (Porto). Possui uma vasta experiência na prática de arqueologia de acompanhamento de empreitadas de obras públicas em todo o território nacional. Estágio Erasmus na Escola Superior de Conservação de Bens Culturais de Pontevedra-Galiza (especialização em Conservação e Restauro de Bens Arqueológicos).

Contacto: rios.cadeco@gmail.com

Eduarda Vieira

Doutorada em Conservação e Restauro do Património Histórico Artístico pela Universidade Politécnica de Valência (Espanha). Docente da Escola das Artes da Universidade Católica Portuguesa (Porto).

Investigadora integrada do Centro de Investigação em Ciência e Tecnologia das Artes (CITAR). Coordenadora do Grupo de Estudos de Conservação do CITAR. Coordenadora dos cursos de doutoramento e de mestrado em Conservação e Restauro de Bens Culturais da Escola das Artes da Universidade Católica Portuguesa (Porto).

Contacto: evieira@porto.ucp.pt

Vítor Hugo Torres

Licenciado em Conservação e Restauro pela Universidade Portucalense Infante D. Henrique. Técnico superior do Museu Regional de Arqueologia D. Diogo de Sousa, integrado na Direcção Regional de Cultura Norte (DRCN).

Iniciou a actividade na área da Arqueologia no Campo Arqueológico de Braga em 1978 como técnico de arqueologia, encetando em 1979 a formação na área da conservação de metais, no MMC (Museu Monográfico de Conimbriga). No âmbito da actividade exercida no laboratório do MDDS tem desenvolvido diversas actividades, entre as quais: na preservação do espólio proveniente das escavações de Bracara Augusta, da responsabilidade científica da Unidade de Arqueologia da Universidade do Minho; no tratamento e valorização de ruínas arqueológicas; colaborando com diversas instituições no tratamento de espólio e na montagem de museus, do IPPAR, Instituto Português de Museus, Gabinetes e Museus de Arqueologia Municipais e com a Igreja; no apoio a iniciativas ligadas com a formação, tem acompanhado vários estagiários provenientes de diferentes instituições de ensino entre outras: Escola das Artes - Universidade Católica Portuguesa, Instituto Politécnico de Tomar, Universidade Portucalense, *Escuela Superior de Conservación de Restauración de Galicia*, Pontevedra, ou elementos de outras instituições ligadas com o património como o IPAAR ou gabinetes e museus municipais.

Contacto: vhct14@gmail.com